

Japão lidera conversão da dívida

País já jogou nos dois leilões US\$ 85,8 milhões em investimentos

CONVERSÃO DE DÍVIDA EM INVESTIMENTOS

Distribuição por país do investidor

Total dos Leilões
Em US\$ mil

País	Total	Participação (%)
Alemanha Ocidental	2.700	0,9
Ant. Holandesas	5.600	1,9
Bahrain	700	0,2
Bélgica	8.000	2,7
Canadá	4.100	1,4
Espanha	2.400	0,8
Estados Unidos	53.267	17,7
Fráncia	69.200	23,1
Grand Cayman	200	0,1
Holanda	200	0,1
Ilhas Virgens	3.000	1,0
Japão	85.800	28,6
Liechtenstein	13.933	4,6
Luxemburgo	4.700	1,6
Panamá	8.200	2,7
Suíça	17.400	5,8
Uruguai	10.900	3,6

Fonte: Firce/Gabin — Banco Central — Diretoria da Área Externa

Distribuição por ramo de atividade do receptor

Total dos Leilões
Em US\$ mil

Setor	Total	Participação (%)
Agricultura	11.400	3,8
Pecuária	1.700	0,6
Pesca	7.500	2,5
Und. Extrativa Mineral	24.700	8,2
Ind. Transformação	171.267	57,1
— Mat. Elét. e Eletrônico	93.800	31,3
— Borracha	1.400	0,5
— Química	32.667	10,9
— Têxtil	3.700	1,2
— Prod. Alimentares	8.100	2,7
— Bebidas	2.900	1,0
— Mecânica	2.300	0,8
— Metalurgia	6.500	2,1
— Diversos	19.900	6,6
Serviços	56.433	18,8
— Com. Imp. e Exportação	7.200	2,4
— Turismo	34.000	11,3
— Outros	15.233	5,1
Outras Atividades	24.900	8,3
Fundos de Conversão	2.100	0,7

Fonte: Firce/Gabin — Banco Central — Diretoria da Área Externa

LUIZ ROBERTO
MARINHO
Da Editorial de Economia

O Japão lidera a conversão da dívida externa em investimentos, abocanhando, nos dois leilões realizados até agora, 28,6 por cento do total dos recursos convertidos, representando 85,8 milhões de dólares. Os números, computados pelo Banco Central, contrariam frontalmente o embaixador japonês no Brasil, Koichirō Komure, que chegou a ser advertido formalmente pelo Itamarati ao declarar, no último dia dois, num seminário em São Paulo, que ninguém quer investir no País. "Onde parece imparar o caos".

A Sony e a Sanyo, duas gigantes do setor eletrônico, "puxam" os investimentos japoneses e não é coincidência que a área de material eletrônico e eletrônico tem sido a mais beneficiada pelo sistema de conversão, absorvendo 31,3 por cento dos investimentos, equivalentes a 93,8 milhões de dólares.

A transformação da dívida em investimentos pelo Japão só não é maior, segundo técnicos do Ministério da Fazenda, por uma peculiaridade dos bancos japoneses. É que eles não podem abater do Imposto de Renda o deságio (desconto) dos títulos da dívida convertidos em investimentos, pagando imposto pelo valor de face dos títulos, mesmo que tenham sido transformados em investimento com desconto.

Segundo o balanço do Banco Central, logo atrás do Japão como país investidor, entre os 17 que participaram dos dois leilões, vem a França, que converteu em investimentos 69,2 milhões de dólares, o que representa 23,1 por cento do total. Os Estados Unidos ocupam o terceiro lugar, com 17,7 por cento ou 53,2

milhões de dólares.

Até o minúsculo Liechtenstein, um principado encravado na Europa, aparece na lista dos investidores no Brasil — e, o que vale ressaltar, batendo países como Inglaterra, Alemanha e Canadá.

BENEFICIADOS

Se por setores o mais beneficiado com o sistema de conversão é o elétrico/eletônico, a que se segue a química, onde foram aplicados 32,6 milhões de dólares, equivalentes a 10,9 por cento, por Estados o levantamento do Banco Central revela algumas surpresas.

Pelas estatísticas do BC, Minas Gerais, que já bateu o Rio de Janeiro como o segundo Estado economicamente mais importante, recebeu, até agora, apenas 100 mil dólares da transformação da dívida em investimentos, igualando-se ao Piauí. O Rio, por sua vez, ocupa um modesto quarto lugar como área preferida das empresas e bancos estrangeiros em investimentos diretos.

São Paulo, naturalmente, absorveu a maior parcela — quase a metade — das inversões diretas, sendo beneficiado com 139,1 milhões de dólares, correspondentes a exatos 46,4 por cento. A Zona Franca de Manaus, onde está instalada boa parte das filiais de empresas estrangeiras, principalmente do setor eletrônico, explica porque o Amazonas ocupa o segundo lugar como o mais beneficiado pelo sistema de conversão, participando com 24,5 por cento das aplicações — ou 24,5 milhões de dólares.

Os dois leilões feitos até agora pelo Banco Central para a conversão de títulos da dívida externa em investimentos se limitaram a 300 milhões de dólares, num total de 2 bilhões de

dólares a serem convertidos este ano.

Quinta-feira, será o terceiro leilão de desconto para a conversão da dívida externa em capital de risco, às 15 horas, no recinto de negociações da Bolsa de Valores do Rio, mesmo local onde aconteceu o primeiro leilão desse tipo no Brasil, em 29 de março passado. O segundo leilão foi em São Paulo, dia 28 de abril.

Como nas vezes anteriores haverá dois leilões distintos para um volume máximo a ser convertido de 150 milhões de dólares. Desse total, 50 por cento se destinam a aplicações em projetos nas áreas das Superintendências de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e da Amazônia (Sudam), além do Espírito Santo e Vale do Jequitinhonha. Os 50 por cento restantes serão investidos diretamente.

Fugindo à metodologia utilizada no primeiro leilão, a Bolsa do Rio não promoverá seminários locais para operadores e corretores e nem utilizará a rede de TV executiva da Embrajetel, que estendeu o debate em nível nacional. Desta vez, estão programados apenas dois leilões simulados, amanhã e quarta-feira, às 16 horas, no recinto de negociações da Bolsa do Rio.

Desta vez os licitantes não estão obrigados, como da vez anterior, a esperar determinada taxa apreçoada pelo diretor do leilão, sempre em patamares de 0,5 por cento para oferecer seus lances. Agora, qualquer operador ou conjunto de operadores, cuja soma de seus lances igual ou ultrapasse os 75 milhões de dólares ofertados poderão apreçoar uma taxa de desconto superior àquela informada pelo diretor do leilão.